

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Letras

**Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino
de Leitura e Produção de Textos**

Lucilene Diolina dos Santos

**A ARTE IMAGÉTICA COMO EXPERIÊNCIA DO SER. COMO SERIA SE EU
FOSSE O OUTRO: IDENTIDADE E CULTURA**

Belo Horizonte
2021

Lucilene Diolina dos Santos

**A ARTE IMAGÉTICA COMO EXPERIÊNCIA DO SER. COMO SERIA SE EU
FOSSE O OUTRO: IDENTIDADE E CULTURA**

Monografia de especialização apresentada a Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos.

Orientadora: Prof^a Dr^a Aline Magalhães Pinto

Belo Horizonte
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA LUCILENE DIOLINA DOS SANTOS

Realizou-se, no dia 27 de julho de 2021, às 17:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *A Arte Imagética Como Experiência do Ser: Como Seria Se Eu Fosse o Outro: Identidade e Cultura*, apresentado por LUCILENE DIOLINA DOS SANTOS, número de registro 2020656250, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Aline Magalhães Pinto - Orientadora (UFMG), Prof. Breno Anderson Souza de Miranda, Prof. Fábio Roberto Lucas.

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado

Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 27 de julho de 2021.

Profa. Aline Magalhães Pinto (Doutora)
Prof. Breno Anderson Souza de Miranda (Mestre)
Prof. Fábio Roberto Lucas(Doutor)



Documento assinado eletronicamente por **Aline Magalhaes Pinto, Professora do Magistério Superior**, em 30/07/2021, às 18:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fábio Roberto Lucas, Usuário Externo**, em 30/07/2021, às 18:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Breno Anderson Souza de Miranda, Usuário Externo**, em 02/08/2021, às 15:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0833379** e o código CRC **39BB6420**.

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência de um trabalho realizado com estudantes de catorze a dezesseis anos de idade, em oficinas de fotografias, escritas, pinturas e desenhos. Essas atividades pedagógicas tiveram como meta trabalhar a identidade e diversidade na formação humana, possibilitando ao estudante a descoberta de si mesmo e do outro. O objetivo geral é mostrar como a abordagem de Stuart Hall sobre o processo de construção da identidade e cultura pode expandir o potencial reflexivo de atividades pedagógicas voltadas para a exploração da subjetividade. Os objetivos específicos são discorrer sobre a língua e a imagem na construção da identidade e cultura do sujeito e apresentar e analisar uma proposta aplicada a estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental. A metodologia usa a pesquisa bibliográfica e a pesquisa-ação, sendo a primeira fundamentada por teóricos como Barbosa (1988, 2010), Dewey (1997), Hall (2003 e 2006), Bagno (2008), Manguel (2009), e a segunda consta de um relato de experiência referente a um trabalho sobre identidade e cultura realizado na sala de aula com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental.

Palavras-chaves: Identidade cultural. Globalização. Diversidade. Formação Humana.

ABSTRACT

This article presents an experience report of a work carried out with students from fourteen to sixteen years of age, in workshops of photographs, writings, paintings and drawings. These activities had as their goal to work on identity and diversity in human Pedagogical formation, enabling the student to. discovery of one is and the other. The general objective is to show how Stuart Hall's approach to the process of identity and culture construction. The specific it can expand the reflexive potential of pedagogical activities aimed at the exploration of subjectivity. The objectives are to discuss the language and image in the construction of the identity and culture of the subject and to present and analyze a proposal applied to students of the 9th grade of elementary school. The methodology uses bibliographic research and action research, the first being based on by theorists such as Barbosa (1988, 2010), Dewey (1997), Hall (2003 and 2006), Bagno (2008), Manguel (2009), and the second is a report of experience related to a work on identity and culture carried out in the classroom with students of the 9th grade of elementary school.

Keywords: Cultural identity. Globalization. diversity. Human Formation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 A LÍNGUA E A ARTE IMAGÉTICA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL.....	7
2.1 Identidade Linguística, Identidade e cultura.....	7
2.2 A imagem na Construção da Identidade Cultural.....	8
3 IDENTIDADE, CULTURA E DIVERSIDADE NA FORMAÇÃO DO SER.....	11
4 DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA DE TRABALHO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	14
4.1 Caracterização da Escola	15
4.2 Perfil dos Estudantes da Escola	15
4.2.1 Perfil dos Estudantes Pesquisados.....	15
4.3 Relato de Experiência Docente	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS.....	24
ANEXOS	25

1 INTRODUÇÃO

Este artigo procura problematizar a experiência didática realizada com estudantes de catorze a dezesseis anos de idade, em oficinas de fotografias, escritas, pinturas e desenhos. Essas atividades tiveram como meta trabalhar a identidade e diversidade na formação humana, possibilitando ao estudante a descoberta de si mesmo e do outro. Dito de outro modo, propiciando a construção da identidade cultural. A problematização proposta se desenvolve por meio de um diálogo com a reflexão teórica elaborada por Stuart Hall a respeito da construção da identidade cultural na segunda metade do século XX. Esse teórico postula três possibilidades para a formação do ser enquanto processo identitário. Ele vê a configuração da identidade marcada pela influência da globalização que a torna fluída e fragmentada, levando a um hibridismo cultural. Além de mostrar que a língua e a arte são atividades humanas que constroem a identidade e a cultura de uma nação.

O problema que gerou esse tema foi a percepção de que em sala de aula os estudantes demonstram, através de suas atitudes e condutas, isso é, em seu modo de ser, que existem múltiplos fatores que permeiam a construção de suas identidades. Muitas vezes, esses modos de atuação são muito semelhantes entre os alunos e, por isso, merecem um olhar atento do educador. O trabalho busca responder ao questionamento: as concepções de identidade de Stuart Hall podem enriquecer o trabalho didático que parte da expressão linguística e artística dos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental?

Nossa hipótese é que através dos tons e cores, ritmos de fala, palavras e manifestações artísticas dos estudantes percebemos questões políticas, culturais, históricas e de identidade daquele grupo. Por meio das palavras pode-se descobrir uma infinidade de características dos sujeitos do discurso, pois a língua consiste em uma das manifestações culturais que mais deixam transparecer a identidade de um grupo, de uma comunidade, de povo. Ela estabelece um elo entre as gerações devido a herança cultural da comunidade de fala à qual pertence.

Nesse sentido, esse estudo mostra que por meio das palavras, os estudantes pesquisados conseguem produzir imagens que falam de suas percepções sobre si mesmos e seus universos. A realização desse estudo se justifica porque é importante

perceber a construção da identidade e da cultura nacional para entender a diversidade humana.

Tendo em vista todas essas considerações, o objetivo geral é mostrar a abordagem de Stuart Hall sobre o processo de construção da identidade e cultura, que pode expandir o potencial reflexivo de atividades pedagógicas, voltadas para a exploração da subjetividade. Os objetivos específicos são discorrer sobre a língua e a imagem na construção da identidade e cultura do sujeito; apresentar e analisar uma proposta aplicada a estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental.

A metodologia usa a pesquisa bibliográfica e a pesquisa-ação, sendo a primeira fundamentada por teóricos como Barbosa (1988, 2010), Dewey (1997), Hall (2003 e 2006), Bagno (2008), Manguel (2009), e a segunda consta de um relato de experiência referente a um trabalho sobre identidade e cultura realizado na sala de aula com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental.

2 A LÍNGUA E A ARTE IMAGÉTICA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL

Esta seção discorre sobre a língua e a imagem no processo de construção da identidade cultural, tendo os tópicos identidade linguística, identidade e cultura, bem como a imagem na identidade cultural, além de identidade, cultura e diversidade na formação do ser.

2.1 Identidade Linguística, Identidade e cultura

A língua constitui-se uma das marcas da identidade e cultura de uma nação e pode ser um motivo para a discriminação de seus usuários. Bagno (2008) em seu livro “A língua de Eulália” faz a comparação entre o português culto e o não culto, mostrando que o maior preconceito não é o linguístico, mas sim as diferenças sociais, os preconceitos contra o étnico: índio, tratado como preguiçoso; negro, malandro; japonês, trabalhador; judeu, mesquinho; português, burro; sexual, desvalorização da mulher; cultural, desprezo pela medicina caseira; socioeconômico, valorização do rico em detrimento do pobre, entre outros.

Segundo Vitral (2017), a língua deve ser usada de forma criativa e não ser um motivo de limitação da liberdade de expressão.

A questão da discriminação social no nosso país, ou em qualquer outro, é muito mais ampla já que, não apenas o uso da língua, mas também as roupas que as pessoas usam, os locais e as residências onde moram, o fato de possuírem carro ou não ter carro etc., podem infelizmente servir para inferiorizá-las (VITRAL, 2017, p. 24).

No entanto, segundo Bagno (2007) pode-se examinar a língua situando em outros lugares, e um deles, é o da história, o ponto de vista que permite perceber os acontecimentos e sua singularidade. Todo acontecimento em que se faz o uso da língua, revela a individualidade das pessoas do discurso na prática social da língua, na época em que se vive. “Cada uso da língua envolve um conteúdo e uma forma próprios, produzindo efeitos de forma e de sentido (como os efeitos estilísticos, por exemplo) que, mesmo particulares, podem afetar a própria língua [...]” (p. 13). O autor acrescenta que o modo e a razão de cada discurso só se revelam em um contexto cultural heterogêneo.

Todos nós nos originamos em vocabulários culturais e sem eles não conseguimos produzir enunciações enquanto sujeitos culturais. Todos nós nos originamos e falamos a partir de ‘algum lugar: somos localizados - e neste sentido até os mais ‘modernos’ carregam traços de uma ‘etnia’ (HALL, 2003, p.83).

A linguagem consiste em uma via para o acesso ao mundo e ao pensamento, pois ela envolve e habita nas pessoas. A língua é um instrumento para falar, ler, escrever e permite que o indivíduo experimente e compreenda sentidos, significados, emoções, desejos, ideias. Ela facilita acessar o mundo e o pensamento, bens culturais e valores que favorecem a construção da identidade cultural.

2.2 A imagem na Construção da Identidade Cultural

Há uma variedade de conceitos para o uso e leitura de imagens, e um deles, está nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN que usam a expressão apreciação significativa, sendo as ações: convivência, contato sensível, observação, percepção, reconhecimento e experimentação da leitura de elementos da Arte (BRASIL, 1997). Nesse sentido, a Arte possibilita a oportunidade:

[...] de se determinar precisamente o que o criador tentou comunicar; o trabalho de arte contém numerosas implicações, e cabe ao percebedor deduzir esses significados, independentemente daqueles que o artista pretendia comunicar (Gardner, 1997, p.54).

O exposto pelo autor permite compreender que é importante inserir o uso de imagens na prática pedagógica, pois é o contexto cultural do indivíduo, os valores

sociais, pessoas, ambientes, objetos entre outros que auxiliam complementar o sentido do que se interpreta. Quando o estudante relaciona elementos imagéticos com algo que poderia acontecer, ele está interpretando o tema apresentado, e desse modo, é conduzido à leitura da imagem, tornando a mensagem visual mais transparente. As imagens podem facilitar a interpretação do mundo em que o indivíduo está inserido, fazendo com que ele faça suas inferências relacionadas à prática social da Arte, cultura e identidade, possibilitando melhor compreensão do tema abordado nas imagens, partindo dos traços referentes a uma ou mais concepções de identidade propostas por Stuart Hall.

Hernandez (2000) ao pesquisar sobre a leitura de imagens reforça alguns aspectos importantes para processar a interpretação. Hernandez (2000) ressalta que é preciso saber escolher as imagens que são significativas para os estudantes, no que elas podem contribuir para a aprendizagem, e simultaneamente, apresentar várias culturas, momentos históricos, fatos relevantes para a comunidade onde os sujeitos estão inseridos bem como a relação destes com o mundo globalizado que está presente na atualidade. Nesse sentido, deve-se construir estratégias que possam levá-los a conhecer os elementos visuais. O docente precisa planejar os objetivos com bastante clareza, para ensinar, estabelecendo conexões com outras áreas do conhecimento.

Segundo Rose (2001), para entender como ocorre o processo de percepção do universo visual, é preciso observar a diferença entre visão e visualidade. A visão é a capacidade de o olhar humano ver de forma fisiológica e visualidade é o modo dessa visão se construir de vários modos, levando em conta os valores sociais do sujeito. Entender uma imagem não é perceber seus elementos formais tão somente, mas compreender nela a manifestação e expressão cultural de um espaço e tempo em meio a um lugar maior, o mundo em geral.

Rossi (2003, p. 9) afirma que “hoje vivemos na chamada ‘civilização da imagem’ na qual os indivíduos podem se sentir inseridos no mundo inteiro, devido à globalização”, uma vez que as imagens circulam com muita velocidade e fazem parte de um mundo global.

Depois de muitos anos de ausência da imagem na escola, ela passa a ocupar um lugar importante no ensino contemporâneo, pois a dimensão estética faz parte do potencial humano. “O olhar estético tem natureza e função diferentes do olhar banal,

cotidiano. É apenas através da educação formal que a maioria dos brasileiros poderá ter a oportunidade de desenvolver tal olhar” (ROSSI, 2003, p. 11).

Segundo Manguel (2009), as pessoas estão todas refletidas de alguma maneira nas muitas diferentes imagens que as rodeiam, pois elas fazem parte do que elas são. Os indivíduos compõem as imagens e as emolduram, elas fazem parte daquilo que eles são e formam a imaginação. São imagens pintadas, esculpidas, encenadas, fotografadas, impressas, filmadas, entre outras técnicas. Elas circundam lembranças de outros momentos e exigem interpretação novas interpretações, configuradas pelas possibilidades da linguagem que se tem a oferecer, pois somos seres de imagens. Por essa razão, as imagens são fontes de saber tanto quanto a história. Nunca é demais lembrar que Aristóteles já sugeria que o processo de pensamento requer imagens.

Ora, no que concerne à alma pensante, as imagens tomam o lugar das percepções diretas; e, quando a alma afirma ou nega que essas imagens são boas ou más, ela igualmente as evita ou as persegue. Portanto a alma nunca pensa sem uma imagem mental (ARISTÓTELES, 1936, p. 431).

Para Manguel (2009), o cego usa outras formas para materializar a percepção, o som e o tato substituem a imagem mental para decifrar. Porém, os que podem ver, mentalizam um rolo de imagens, como se fosse um filme que vai se apresentando de forma contínua. A visão captura essas imagens, e estas, são processadas pelos outros sentidos, com significados ou dedução de significados, variando e configurando uma linguagem imagética que se traduzem em palavras ou em palavras que se traduzem em imagens. Por meio desse processo, compreende-se a própria existência, a própria identidade cultural. O mundo é formado por símbolos, sinais, mensagens e alegorias.

Formalmente, as narrativas existem no tempo, e as imagens, no espaço. Durante a Idade Média, um único painel pintado poderia representar uma sequência narrativa, incorporando o fluxo do tempo nos limites de um quadro espacial, como ocorre nas modernas histórias em quadrinhos, com o mesmo personagem aparecendo várias vezes em uma paisagem unificadora, à medida que ele avança os quadros se congelam em um instante único: o momento da visão tal como percebida pelo ponto de vista do espectador (MANGUEL, 2009, p. 52).

As imagens vêm instantaneamente à mente dos indivíduos quando eles pensam em pessoas, animais, ambientes, paisagens e outras coisas que podem ser materializadas pelas imagens. Elas possuem formas, texturas, luzes e sombras que

precisam ser percebidas e quando elas traduzem perfeitamente o que se sente, não se encontram palavras para expressar o momento, sendo necessário buscar outros meios para se comunicar (ALBANO, 2010).

A Metodologia Triangular pode ser trabalhada sob a perspectiva da fruição, apreciação e fazer (BARBOSA; CUNHA, 2010). Segundo a abordagem triangular, teoria desenvolvida por Ana Mae Barbosa, professora Arte-educadora da faculdade de Arte da USP, a partir dessa tríade o educando pode desenvolver suas habilidades e competências na área de conhecimento Arte.

3 IDENTIDADE, CULTURA E DIVERSIDADE NA FORMAÇÃO DO SER

Hall (2006) considera a identidade fluida e fragmentada devido à globalização e ao hibridismo cultural. Suas pesquisas sobre a identidade trazem à tona concepções e categorias para refletir a respeito da identidade cultural. Pode-se perceber que as diferenças entre as pessoas podem ser diferenças históricas, culturais e sociais associadas às suas vivências em determinada época.

Para o autor, há três concepções distintas sobre o sujeito: o iluminista, o sociológico e o pós-moderno.

No tocante a essas concepções, a primeira denominada iluminista concebia o sujeito como um indivíduo centrado e unificado por completo, ligada a um núcleo interior que já vinha com o sujeito junto com seu nascimento, e permanecia com ele em sua trajetória de vida, sem mudar muitas vezes, com uma pesquisa individualista, sempre em uma mesma perspectiva, com capacidades relativas à razão, consciência e ação individuais (HALL, 2006).

Quanto à segunda concepção, essa refere-se ao sujeito sociológico, entendido como um sujeito formado por suas relações com a sociedade. Dessa forma, esse sujeito interage com os ícones, valores e práticas sociais que constroem a cultura. Esse sujeito ainda possui o “eu real” no seu interior, mas esse foi se construindo e mudando em uma dialogia constante com a cultura exterior, bem como com o contato com outras identidades oferecidas pelo mundo (HALL, 2006).

A terceira e última concepção é a do sujeito pós-moderno que se apresenta como uma pessoa sem uma identidade fixa ou imutável, sem sua essência e não proveniente de sua essência, mas definida historicamente.

[...]o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p.13).

O exposto permite compreender que a concepção do sujeito pós-moderno se atrela totalmente à realidade da sociedade onde ele está inserido, uma sociedade em mudança e transformação constantes, através da troca de informações em velocidade alta, que propicia o encontro com uma diversidade de culturas em vários lugares diferentes, operando diretamente na identidade das pessoas desse mundo globalizado. Antes de se inserir no mundo global, o sujeito nasce com sua identidade nacional, com uma representação cultural interior, partindo do discurso e dos símbolos utilizados em sua nação, apropriando-se de um sentimento de identidade. Nesse sentido, segundo Hall (2006, p.50), “uma cultura nacional é um modo de construir sentidos – um discurso – que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção de nós mesmos”. Portanto, a cultura nacional exerce influência nos habitantes, por meio da cultura, como um sistema de representações incorporadas na identidade do ser. Nessa perspectiva, o autor afirma que

...] não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional (HALL, 2006, p. 59).

Portanto, o sentimento de pertencimento à nação desenvolve-se por meio do discurso de significações voltadas para as novas gerações e como este incorpora significados. No entanto, a ideia de unificar a identidade cultural através da cultura nacional, pode trazer questionamentos devidos a várias razões. Isso porque, a maior parte das nações possuem culturas distintas, ainda que tenham unificação política, o povo pertence a diferentes classes sociais, grupos étnicos, gênero. Desse modo, a cultura nacional não alcança por completo todos os grupos, A formação de identidade a partir da cultura nacional se desconstrói devido ao processo das transformações causadas pela globalização, e isso, ocorre no mundo inteiro. Nesse particular, a globalização configura um movimento de distanciamento da concepção sociológica

como sistema delimitado, complexificando a vida social, bem como a forma como ela se encontra organizada no tempo e no espaço (HALL, 2006).

A globalização diminui as fronteiras de distância e as escalas temporais, agindo diretamente sobre a formação das identidades culturais. Para Hall (2006, p.65), “[...] As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdade e de diferenças sobrepostas”.

Dessa forma, a globalização desintegra as identidades culturais, devido à homogeneização cultural que apaga ou diminui as identidades nacionais, transformando-as em identidades novas, atualmente denominadas híbridas. A globalização tornou o mundo em uma realidade interconectada, o que distancia da ideia sociológica, desintegrando as identidades culturais, e assim fragmentando-as. É importante destacar que o processo multifatorial que Hall denomina como globalização tomou grandes proporções com a velocidade dos meios de comunicação, que possibilita a troca rápida de informações, por meio da internet transformou o mundo totalmente, acabando com as fronteiras de cada nação. Nos dias atuais qualquer pessoa pode interagir com uma diversidade de culturas sem sair de casa. Isso ocorre através de vários meios como filmes, músicas, séries, aulas e leitura, as culturas se entrelaçam por meio da globalização e com isso, vai mesclando a identidade cultural. De acordo com Hall (2006), os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, e à proporção que isso ocorre, os indivíduos são confrontados por uma variedade desconcertante e mutante de possíveis identidades, e em cada uma delas, eles podem se identificar, pelo menos por momentos. As identidades modernas se desconcentram, uma vez que são deslocadas ou fragmentadas. Segundo o autor, isso coloca um fim na concepção essencialista ou fixa de identidade, que desde o iluminismo supunha-se uma definição de um núcleo próprio ou essência do ser e fundamentava a existência das pessoas como sujeitos humanos.

A identidade é como um lugar que se assume, um posicionamento e contexto, não uma essência a ser verificada, em uma fragmentação associada às paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que ministravam lugares sólidos aos indivíduos. Entretanto:

Muitos sentem falta dos ritmos de vida cosmopolita com os quais tinham se aclimatado. Muitos sentem que a "terra" tornou-se irreconhecível. Em

contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas. Sentem-se felizes por estar em casa. Mas a história, de alguma forma, interveio irrevogavelmente (HALL, 2003, p. 27).

A identidade cultural não é fixa, mas sempre híbrida, por ser o resultado de histórias específicas, que podem construir posicionamentos provisórios de identidade, uma vez que cada uma das histórias de identidade se inscreve nas posições assumidas, com os quais os indivíduos se identificam. A identidade pode ser a ilusão de um destino, que requer reforço dos particularismos com a finalidade de recuperar a identidade anterior. De acordo com Hall (2003), a relação terra de origem permanece forte, mesmo com a passagem de gerações. Por meio da diáspora, as identidades se transformam em múltiplas, construindo identidades culturais. A noção de identidade não se ancora à noção de território, não é mais um estado, nem sexual, de raça ou cultura que se ancoram na subjetividade, razão pela qual pode se questionar a construção de uma cultura comum.

Possuir uma identidade cultural nesse sentido e estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de "tradição", cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua "autenticidade". E, claro, um mito — com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história (HALL, 2003, p. 30).

Nesse tocante, o autor prossegue afirmando que as culturas se recusam sempre a serem encurraladas dentro de fronteiras nacionais e acabam por transgredir os limites políticos. A cultura é produzida, não sendo o que querem fazer de nós, mas sim, o que fazemos de nossas tradições. “Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de tornar” (HALL, 2003, p.44).

4 DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA DE TRABALHO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta a proposta de trabalho, trazendo a caracterização da escola, o perfil dos estudantes envolvidos, os procedimentos desenvolvidos, seguido da análise dos resultados.

4.1 Caracterização da Escola

Antes de discorrer sobre o desenvolvimento do trabalho, é preciso conhecer um pouco sobre a escola onde foi realizado esse processo e sobre os estudantes que fazem parte dessa comunidade escolar.

A área onde está localizada a Escola Municipal Aurélio Buarque de Holanda, foi uma fazenda que pertenceu ao senhor Washington Pires. Ele se casou com uma senhora chamada Lindéia e tinham um grau de parentesco com uma senhora conhecida como Regina. Com o passar dos anos, a fazenda foi dividida em loteamentos e transformou-se nos bairros que hoje têm o nome das pessoas citadas acima. A escola Aurélio Buarque de Holanda (EMABH) é fruto de muita luta e ela não existiria, se não fosse a parceria entre a comunidade, os profissionais da educação e os estabelecimentos escolares próximos, como a Escola Estadual Divina Providência. Durante o tempo em que a edificação foi construída, esta escola cedeu gentilmente algumas salas para as crianças do entorno estudarem, e assim não perderem um ano letivo. A resistência e insistência dos profissionais e comunidade que queriam uma escola para atender as crianças do bairro Lindéia e Regina, foram fundamentais para a concretização do nosso espaço escolar.

4.2 Perfil dos Estudantes da Escola

A escola atende a crianças e adolescentes entre 06 e 16 anos, filhos de operários, autônomos, mães-solo, comerciantes e oriundos de um abrigo para menores em situação de risco. Nos últimos anos, a EMABH tem recebido muitos estudantes que vêm de escolas particulares. À noite, funciona o projeto EJA – Educação de Jovens e Adultos e muitos pais e mães são estudantes da escola também.

4.2.1 Perfil dos Estudantes Pesquisados

No início do ano letivo, realizei uma pesquisa por meio de questionário para saber o que meus alunos aprenderam e assim organizar o planejamento didático, refletindo sobre as necessidades e sugestões que nele são apresentadas. Através desse trabalho, sou capaz de perceber o perfil das turmas formadas.

Portanto, em função do resultado obtido nessa pesquisa, posso afirmar que os estudantes do nono ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Aurélio Buarque de Holanda são adolescentes cheios de energia e de sonhos. Acreditam na possibilidade de realizá-los ao longo de suas trajetórias e carregam dentro de si a vontade de vencer as dificuldades dos caminhos que aos poucos vão escolhendo. Alguns querem ser administradores, veterinários, youtubers (ou já são), policiais, advogados. Outros ainda não sabem o que querem fazer como profissionais. O medo de perder as pessoas que amam, como o pai ou a mãe, é um sentimento que faz parte de muitos de nossos alunos. Alguns infelizmente já perderam e sobrevivem com muita dificuldade a essa perda. A maioria dos nossos alunos são católicos e evangélicos e poucos se denominam kardecistas ou candomblecistas. Uma única aluna denominou-se ateia convicta, apesar de muitos não praticarem nenhuma religião. Nenhum estudante de nossa escola é budista, mulçumano ou de outra religião não citada aqui. Todos eles, acreditando ou não na existência de uma ou várias divindades.

Eles questionam: qual é a razão para tantas diferenças entre as pessoas? Por que existe tanta miséria, guerras e mortes? Essas perguntas aparecem em uma parte do questionário no qual sugiro que deixem uma pergunta para uma divindade de sua crença pessoal ou para o universo.

4.3 Relato de Experiência Docente

Há quatro anos acompanho os mesmos estudantes, porque sou a única professora com formação em Arte, atuante em sala de aula da EMABH. Lamentavelmente essa é uma situação muito comum na maioria das escolas, os estudantes passam por uma única professora de Arte ao longo dos quatro anos. As grades curriculares restringem a apenas uma aula semanal para áreas de conhecimento como, Sociologia, Arte e Filosofia. Trata-se de um assunto deveras importante, contudo, foge ao foco deste artigo.

Antes que o ensino possa com certeza comunicar fatos ou ideias por intermédio de signos, a escola deve fornecer situações reais em que a participação pessoal do aluno traga do cotidiano a importância do material e dos problemas existentes (Dewey, *apud* Barbosa, 1988, p.31)¹.

¹ Ana Mae Barbosa cita o livro de John Dewey. *Democracy and Education* (p.233), em um texto esclarecedor sobre a influência de Dewey na educação brasileira através do pensamento e ações de Anísio Teixeira. Barbosa, A.M.B.T. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1988.

Além do questionário, trabalhei com os estudantes uma dinâmica de apresentação para que a turma também pudesse conhecer melhor seus membros. Pretendi, com essa nova abordagem, estabelecer uma melhor interação entre os estudantes e avaliar como eles aplicariam na prática o estudo que fizemos no ano anterior sobre a Teoria das Cores. Quando tratamos de educação em Arte, falar sobre as identidades, as diversidades que nos cercam, sejam sociais, culturais, religiosas ou artísticas, revela-se algo de grande importância, pois estamos buscando o que nos torna mais humanos.

Por fim, segundo a estudante Emanuelle Victória Martins Barros, em seu texto criado a partir da música Identidade², do senegalês Mamour Ba e Luis Sá, (da dupla Sá & Guarabira) e na sua interpretação de mundo:

Cada um é de um jeito, de uma forma. Tem seus gostos, suas preferências e mesmo assim temos que respeitar o próximo. Somos diferentes e devemos amar nossas diferenças! Temos que aprender a admirar a beleza dos outros, não diminuindo a nossa! Isso nos faz humanos: Nossas diferenças, nossa identidade, quem somos.

A estudante, com sua perspicácia juvenil, sintetiza a importância dessa prática no contexto da Educação Básica.

O trabalho se iniciou em fevereiro de 2018, quando foi proposto e aceito pelos estudantes que frequentam a escola, como uma dinâmica de apresentação. Essa dinâmica tinha o objetivo de apresentar-se um ao outro como se é; perceber que o outro poderia ser como você mesmo, e, assim, criar uma possibilidade de conhecê-lo e reconhecê-lo.

Essa possibilidade de perceber o universo do que é o colega de sala, foi desenvolvida da seguinte forma: cada estudante trabalhou primeiramente o seu nome, escrevendo-o da forma que quisesse em meia folha de papel A4. Após escrevê-lo, recortou e colou seu nome na outra metade, adicionando a ela outras colagens ou desenhos de coisas ou palavras que tivessem uma relação explícita com sua personalidade e com a autopercepção de si. Essa dinâmica foi retirada do livro 170 Técnicas Arte terapêuticas, de Beatriz Acampora. Em seguida, o estudante faz uma intervenção com lápis de cor ou outro material em seu trabalho, explicando também como as cores se classificavam, quais sensações e sentidos elas causavam e suas intenções ao usá-las.

² <https://www.youtube.com/watch?v=4o7UmX1mdiQ>

Essa atividade possibilitou a criação de um pequeno texto que permitiu a concretização de ideias em palavras que poderiam ser usadas como um roteiro para apresentar o trabalho para a turma, bem como a imagem criada a partir de seu nome. Pensar criativamente o seu próprio nome foi o objetivo dessa proposta inicial. E conseguimos alcançá-lo, pois para muitos educandos, falar de si mesmo, apesar da timidez de alguns, revelou-se uma oportunidade de expressar em palavras o que pensavam e quem eram, diante de um coletivo. Muitos deles foram aplaudidos pelos colegas, que se encantaram com as coisas que aquela pessoa, até então desconhecida, apresentou naquele momento. Eles perceberam também que tinham muito mais coisas em comum, como gostos musicais, esportivos do que imaginavam. Trocaram ideias e impressões sobre séries e filmes que assistiam e jogos que gostavam. Entre vários momentos surpreendentes teve, inclusive, estudantes que escreveram seus nomes em coreano, por causa de alguma banda K-Pop ou aprendendo japonês sozinho por causa de algum jogo. Foram manhãs de muitas descobertas sobre o universo desconhecido daquele que se sentava ao lado do outro durante quatro horas diárias em duzentos dias letivos.

Por sugestão de uma aluna, esse trabalho se desmembrou para os significados dos sobrenomes, já que alguns tinham pesquisado o significado de seus nomes e sobrenomes em sites de buscas. Eles usaram seus celulares ou perguntaram a seus pais a origem e o porquê da escolha de seus nomes (aqueles que ainda não sabiam). Assim, descobriram que alguns sobrenomes eram oriundos de senhores de escravos, e dessa forma, eles puderam reconstituir um pouco da história dos africanos que vieram para o Brasil. Contudo, não explorei muito essa descoberta. Apenas sugeri aos que tivessem interesse em saber mais, que procurassem livros sobre a temática étnica-racial em nossa biblioteca que possui uma parte específica sobre esse assunto em seu acervo. Não havia nenhum nome ou sobrenome de origem indígena. Alguns sobrenomes eram italianos e a maioria de origem portuguesa. Havia muitos Silvas, Santos, Almeidas, Carvalhos entre outros. Como nosso tempo semanal é curto, apenas “pincelamos” nossas impressões coletivas em uma aula que foi mais uma conversa, que debate. Essa etapa do trabalho se chamou Eu Sou. O resultado, foi exposto na feira de cultura da escola para a comunidade escolar apreciar. Como “Eu Seria Se Eu Fosse” foi uma proposta oferecida à turma devido ao fato de que a escola apresenta uma diversidade que pode ser visualizada pelos diferentes tons de peles e , ao mesmo tempo, ainda não haver sido realizado nenhum trabalho

sobre o tema diversidade em que o educando estivesse na posição de sujeito e de objeto de uma pesquisa ou como, nesse caso, uma experimentação. Temas como racismo, desigualdade e preconceito são trabalhados todos os anos em nossa escola. Com muita competência. Mas, trabalhar a partir da auto-observação e da autodescrição dos próprios alunos é uma experiência inédita, que dialoga com as reflexões teóricas de S. Hall I (2006) que diz que independente das diferenças de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional procura unificar as pessoas em uma identidade cultural, como representação de pertencimento à uma única e grande família nacional.

Tive várias dúvidas sobre como abordar o tema diversidade, pois não queria fazer um trabalho direto sobre o racismo e seus males, tampouco explicitar o tema preconceito. Queria que os estudantes pudessem perceber como são, e sendo, se permitirem pensar um pouco a respeito da forma estética do outro.

Ao conseguir se perceber da forma como se propuseram se autodenominar, esses temas viriam de uma forma natural: poeticamente confuso... deliciosamente desafiante... pedagógica e artisticamente possível.

Conversei com os educandos sobre a possibilidade de desenvolvermos essa ideia e perguntei se queriam trabalhar em forma de oficinas o tema diversidade a partir da hipótese acerca de como cada um seria se fossem diferentes da forma como se percebem.

Eles simplesmente aceitaram a proposta.

Lancei alguns combinados, como o trazer os materiais para limpar tintas e a sala, após os trabalhos. Esse trato foi necessário porque não temos uma sala de arte para desenvolver qualquer trabalho prático em Artes, triste realidade da maioria das escolas brasileiras. Lembrei a todos que a ideia de se perceber de uma forma diferente não era original, pois artistas como Michael Jackson e Chico Buarque já fizeram trabalhos com essa temática. Sugeri que procurassem o clipe Black or White na internet e a tradução da letra, refletissem sobre o que vissem, lessem e elaborassem um pequeno texto para expor sua interpretação.

Fizemos um grupo no WhatsApp onde foram disponibilizados para os alunos alguns materiais, entre eles: a capa do *long play* Cidades, de Chico Buarque, onde o autor se mostra como uma pessoa de várias faces e etnias. Esse grupo na rede social foi uma estratégia eficaz para compartilharmos materiais e impressões. Citei, rapidamente, o nome de um artista da atualidade, Dan Gloover, que fez o clipe *This is*

America. Nesse vídeo ele sutilmente mostra alguns ícones das relações étnico raciais nos Estados Unidos. Tive a grata surpresa de ver um comentário se transformar em pesquisa nas redes sociais e pela iniciativa de uma estudante ser disponibilizada no grupo, para todos. A vontade de saber e a potência para “correr atrás” é uma característica do adolescente que se faz presente quando ele se percebe partícipe de um processo de aprendizagem.

Retomando Hernandez (2000) quando as imagens apresentadas aos estudantes são significativas para eles, elas facilitam a aprendizagem, e concomitantemente, deixam transparecer culturas, historicidade, acontecimentos importantes que trazem à tona relações com o mundo globalizado atual.

Buscando o respaldo da Metodologia Triangular, trabalhei sob a perspectiva da fruição, apreciação e fazer (BARBOSA; CUNHA, 2010). Segundo essa abordagem, teoria desenvolvida por Ana Mae Barbosa, professora Arte-educadora da faculdade de Arte da USP, a partir da tríade fruição, apreciação e fazer, o educando pode desenvolver suas habilidades e competências na área de conhecimento Arte.

Em 2017 participamos de um projeto chamado Circuito de Museus que nos permitiu apreciar e fruir várias obras de Arte. Esse projeto da Prefeitura de Belo Horizonte, acontece todos os anos desde 2015. Nele, o professor de qualquer escola escreve um projeto que será apreciado por uma comissão. Assim, justifica a necessidade de um coletivo discente visitar e apropriar-se de um circuito de espaços artísticos e culturais da cidade, tendo toda a logística de datas de visitação e transporte dos estudantes providenciado pela prefeitura e museus.

O fazer, previsto na metodologia, foi a última parte do projeto Eu Sou. Como Seria Se Fosse e o caminho para chegarmos à fruição e apreciação do trabalho dos pares que compõem a sala de aula. Esse caminho exigiu explorar os textos produzidos anteriormente sobre si mesmos e os significados até então refletidos sobre diversidade e identidade. Para “colocarmos a mão na massa” trabalhamos a técnica de retratos. Pesquisamos sobre a tecnologia usada na Renascença e chegamos à câmera escura. A câmera escura permitiu a produção de retratos em uma grande escala na época, mas não seria adequada ao nosso momento. Usamos na nossa produção de retratos um dos descendentes da técnica renascentista de produzir imagens: a fotografia, amparada por seu herdeiro mais recente, um aplicativo de transformação de imagens, o Photo Sketch Maker.

Esses bens culturais que surgiram ao longo dos anos trazem consigo uma identidade cultural, pois segundo Hall (2003), há contato primordial com um núcleo imutável e atemporal que une passado, futuro e presente de modo ininterrupto, o que pode ser denominado tradição que implica em fidelidade às origens, trazendo significado à vida e sentido à história das pessoas.

Os alunos que tinham celulares com memória suficiente para baixar o app viraram os fotógrafos oficiais da turma e produziram as fotos dos colegas. O aplicativo transformou as fotos em desenhos. Com os desenhos impressos em folha A3, trabalhamos com o lápis grafite para dar ao esboço um aspecto de desenho à mão livre. Empregamos a técnica de luz e sombra, retornando a um assunto estudado no ano anterior. Muitos estudantes se revelaram insatisfeitos com a própria aparência nas fotos. Acredito que foi pelo fato de elas terem sido tiradas no ambiente escolar, onde eles não tiveram produção para fazê-las. Apesar e por causa disso, as fotografias apresentaram poses interessantes e mais naturais, que deixaram em evidência mais espontaneidade e mais realismo às imagens. Para aprofundar um pouco mais sobre o tema identidade apresentei a eles uma composição do músico senegalês Mamour Ba e Luís Sá, músico brasileiro. Identidade é uma música que fala da importância de se saber quem se é e como é difícil se encontrar. Ouvimos e cantamos a música. Um dos trechos que mais chamou a atenção deles foi em Olof (uma das línguas oficiais do Senegal) e fala sobre o saber sobre si para saber e seguir com o outro sua caminhada.

Esse deslocamento é tratado por Hall (2006), que afirma que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, à medida que surgem confrontos de uma variedade desconcertante e mutante de possibilidades de se identificar, pelo menos por um tempo, desconcentrando as identidades modernas, deslocando-as e fragmentando-as.

A partir da interpretação que fizeram, criaram desenhos com lápis grafite que representavam a forma como perceberam a música. Em suas ilustrações, aplicamos a técnica de aquarela feita com café. Com um texto da revista National Geographic Brasil (janeiro 2005), visitamos a origem do café na Etiópia e como esse produto foi importante na nossa história, economia e nas nossas vidas perpassando e tecendo a coexistência de negros, brancos e índios, pelo seu valor. Fizemos quatro impressões de cada desenho. Em cada uma trabalhamos uma técnica.

Pensando na etnia negra e indígena, usamos o café com lápis grafite para compor um retrato. Também usamos um giz de cera produzido pela Uniafro, com tonalidades diversas de pele negra. Fizemos uma escala de cores que utilizava tons mais amarelados e rosados, no intuito de formar uma gama de matizes para colorir os trabalhos com a representação das etnias brancas e indígenas. A cor teve um papel fundamental em mais um desdobramento do trabalho. Ao se imaginar de forma diferente, estando em uma outra “pele”, como uma nova etnia e até mesmo se transformando em um ser que não existisse, os estudantes puderam usar a imaginação para ser do jeito e da cor que quisesse ser. Dessa experiência surgiram seres azuis, verdes, aquáticos, guerreiros e fantásticos.

Conforme Hall (2003), todos os indivíduos se originam de vocabulários culturais, com os quais produzem enunciações por serem sujeitos culturais, a partir de algum lugar, inclusive no sentido mais moderno, carregam traços de uma etnia. Nesse tocante, os trabalhos dos estudantes, ainda que eles tenham optado por usar outra cor da pele, deixaram transparecer outros traços que pertencem a sua etnia original.

Eles foram descritos em pequenos textos criados pelos alunos. Alguns tinham características e personalidades únicas, vieram de um lugar diferente do que chamamos Terra. Outros eram apenas seres humanos com algum traço no jeito de ser que os faziam completamente diferentes do resto da humanidade. Esse desdobramento do projeto surgiu pela sugestão de um estudante quase no final do trabalho. Uma proposta que oferecia muitas possibilidades de criação, mas como já estávamos chegando ao final do processo, não tivemos tempo para explorá-la com mais afinco. Ótima sugestão para propor no próximo ano: criação de personagens e suas histórias a partir da sua própria imagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposição de colocar-se no lugar do outro, por meio da fotografia trabalhada como desenho e posteriormente em pintura, transformando-se em uma etnia diferente daquela na qual se define, favoreceu aos estudantes uma possibilidade de reflexão: como cada um deles se percebe na comunidade e como eles seriam e viveriam se fossem diferentes do que são? Ao tornarem-se índios, negros, brancos ou um ser diferente do senso comum, no universo da representação e imaginação, foram

incentivados a terem um olhar, mesmo que momentâneo, da igualdade, apesar das diferenças.

Em sua finalização, o projeto foi exposto no Centro Cultural do bairro Lindéia e Regina, onde a escola está situada. Os estudantes, seus pais e toda a comunidade do entorno que frequenta o espaço, que está ao lado de um posto de saúde, puderam ver os trabalhos produzidos. Muitos se orgulharam dessa realização, sentindo-se reconhecidos e reconhecendo a qualidade estética de sua produção e dos seus colegas. A exposição *Eu Sou. Como Seria se Fosse...* fez parte da programação oficial do Centro Cultural e ficou exposta durante um mês.

Este projeto permitiu “um abrir” de portas para um olhar mais humano na relação com a diversidade que compõe o mundo em que nossos estudantes (esses seres fantásticos e preciosos) vivem. Dessa forma, a escola pode cumprir o seu papel como espaço democrático de encontro com todos os seres que formam uma determinada sociedade e sua coexistência pacífica, que deve primar pelo respeito às diferenças. Ao mesmo tempo a arte pode cumprir o seu papel de tocar o sensível, provocar pensamento crítico, causar mudanças, mesmo que por um breve instante e revelar o que há de mais humano em nós: o que somos, nossa identidade.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **De anima**. (Trad.) HETT, W. S. Livro III, cap. 7, Londres: Loeb Classic Library, 1936. (Tradução reformulada por MANGUEL, Alberto).
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 16.ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais de artes**. Brasília: MEC, 1997.
- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1988.
- BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. **Abordagem triangular no ensino das artes e cultura visual**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam**. A leitura de imagem e o ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002.
- DEWEY, John. **Art as experience**. New York: Perigee Books, 1980.
- GARDNER, Howard. **Educación artística y desarrollo humano**. Barcelona: Paidós, 1997.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.
- HERNANDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Tradução – Jussara Haubert Rodrigues – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- MANGUEL, Alberto O. espectador comum: a imagem como narrativa. In.: **Caderno de formação: metodologia**. Do programa de aceleração de estudos de Belo Horizonte, Floração, Ensino Fundamental. Belo Horizonte: SMED/PBH, 2009.
- ROSE, G. **Metodologia visual** - Introdução para a interpretação do material visual. (Trad.) Londres: Sage, 2001.
- ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam**. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- VITRAL, Lorezo. **Gramática inteligente do português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

ANEXOS

**A ARTE COMO EXPERIÊNCIA DO SER: EU SOU!
COMO SERIA SE EU FOSSE...**

Ilustração do projeto, criada pela aluna Mary Jennifer Barbosa Gomes – 8º C

IDENTIDADE E DIVERSIDADE



Exposição

Trabalhos de estudantes da Escola Municipal Aurélio Buarque de Holanda, nos anos finais do Ensino Fundamental, na faixa etária de 14 a 16 anos de idade.

Os trabalhos foram realizados na aula de Arte no formato oficina. As técnicas foram usadas a partir de fotografias e se transformaram em escritas, pinturas e desenhos. São atividades para interação, socialização e tomada de consciência da identidade e diversidade.

Uso de giz para tons de pele, com graduações de marrom para representar a pele negra.



Técnica de lápis de cor e aquarela



Grafite

Mistura de etnias



Técnica de aquarela feita com café e giz de cera



Técnica lápis de cor



Técnica de aquarela feita com café
A garota mostrou como seria se fosse índia.



Técnica lápis de cor

Os estudantes puderam expressar como eles se veem e como veem os outros, além de demonstrar suas crenças pessoais e para o universo.



Produções realizadas na dinâmica sobre o nome



Yara: ser imaginário, criado a partir da própria imagem

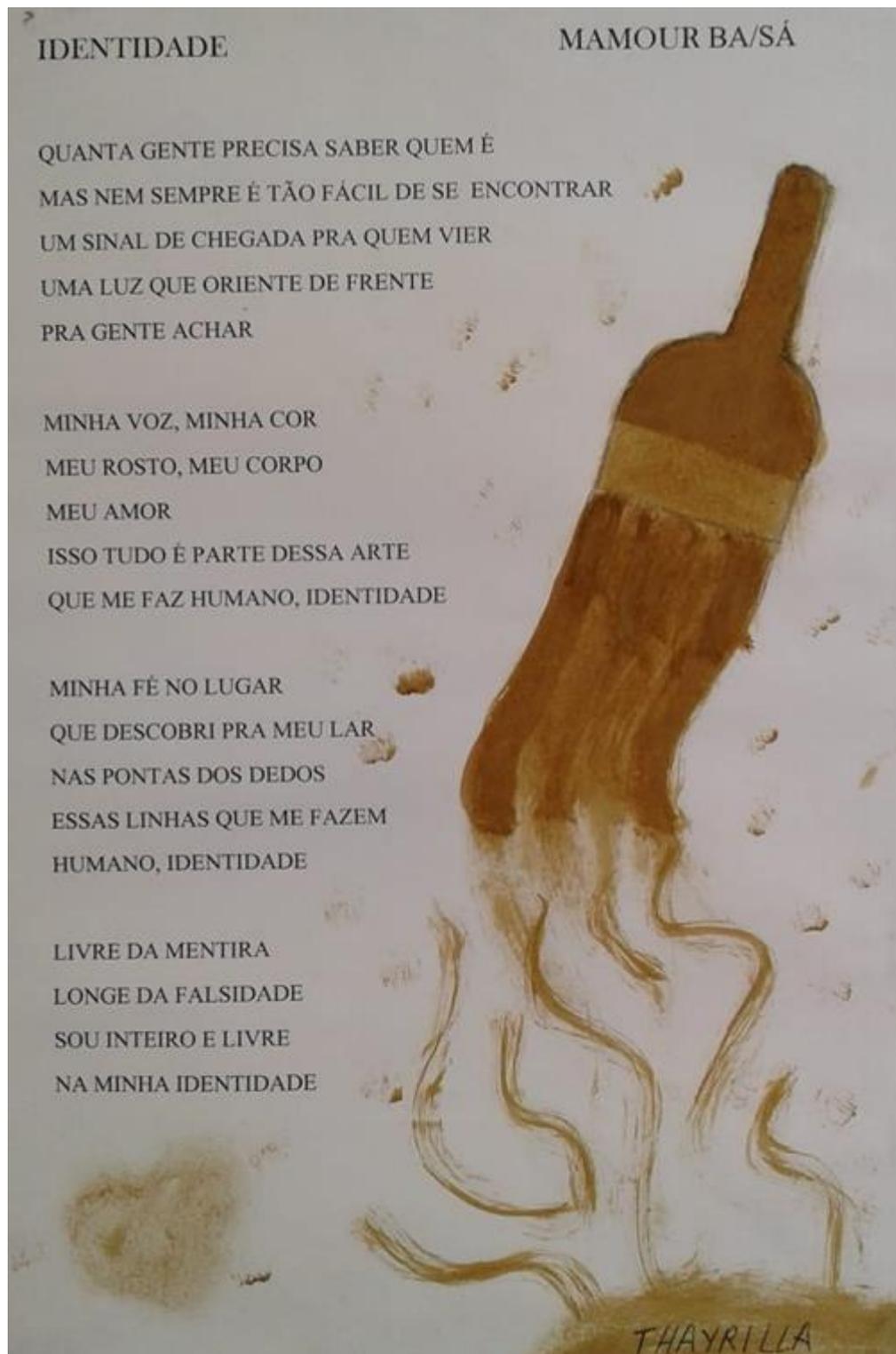
SE EU FOSSE UM PERSONAGEM

Se eu fosse um personagem de alguma série ou filme, eu teria os cabelos bem grandes e pretos com uns enfeites nele, usaria umas roupas bem largas e diferentes, teria várias pulseiras nos braços teria uma tatuagem de Lua na nuca é ele teria algum significado especial para minha personagem um significado que ela nunca contou para ninguém e que somente ela saberia, sua mãe e seu pai viveriam com ela em uma casinha bem afastada da cidade, e para ir para a escola ela gastaria um tempinho, ela gosta de desenhar e fica o tempo todo desenhando em seu caderno.

Ela teria uma personalidade muito forte, não ligaria para ninguém, não seria nenhum pouco tímida, seria uma pessoa fria, mas com um coração muito bom, ela teria o poder de ler mentes, viveria na natureza e se comunicaria com os animais.



Foto impressa transformada em desenho pelo aplicativo. Base para a criação da personagem Yara



Letra da música identidade, criação do músico Mamour Ba e Luís Sá e ilustrada pela aluna
Thayrilla

Quem sou eu?

Vou contar um pouco da minha vida a vocês!

Meu nome é Ana Kléria Madureira de Oliveira, eu nasci no dia 6 de dezembro de 2003, há 14 anos atrás eu vim ao mundo sem ter a mínima ideia do que era a vida mais com o tempo eu fui crescendo e tendo uma certa ideia do que eu queria ser e qual a profissão que eu queria seguir. Sou uma pessoa que estressa muito fácil, fala tudo o que pensa, sou muito extrovertida e muito amigável;

Significado do meu nome:

A origem do nome Ana é do hebraico Hannah e significa benéfica, que tem compaixão, misericórdia - Compaixão, despertada pela miséria alheia. Perdão. Agora o kléria Criativa, amável e expressiva, uma pessoa cheia de charme e com uma dose incrível de curiosidade. Tem a maior dificuldade de se concentrar no que está fazendo e não consegue guardar suas ideias para si mesma e precisa compartilhar tudo com os outros. Festas? Adoro, e estou sempre de bom astral. O único perigo é exagerar a dose e se tornar nervosa, inquieta. Mesmo porque você adora "enfeitar" a realidade;

Ah e um detalhe muito importante: Eu Amei o meu trabalho!!!

Texto produzido pela aluna Ana Kléria